

# A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

BOLETIM DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

## Sumário:

× Irrigação dos Cafézais .....	1
× Pecuaria de Corte no Triangulo Mineiro e Sul de Goiás .....	2
× Preço Teto do Cafe .....	7
× Preço Mínimo do Algodão .....	9
× Situação da Pecuaria .....	11
× Preços Medios Recebidos pelos Lavradores .....	13
× Mercados e Preços .....	19
× Situação da Lavoura .....	24
× Algodão em Goiás .....	28
× Custo da Aração em São Paulo .....	30
Estadísticas de Importação e Exportação pelo Porto de Santos .....	35/37

A N O II  
Nº 3  
MARÇO 1952

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL  
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL  
SECRETARIA DA AGRICULTURA  
ESTADO DE SÃO PAULO

## A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

Boletim da Subdivisão de Economia Rural

Rua Anchieta, 41 - 6º andar, Caixa Postal, 8083

### SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Chefe: Engº Agrº Ruy Miller Paiva

### S E C Ç Õ E S

#### Política da Produção Agrícola

Engº Agrº Ruy Miller Paiva (chefe)  
Engº Agrº Salomão Schattan

#### Previsão de Safras e Cadastre

Engº Agrº Mario Zaroni (chefe)  
Engº Agrº Oswaldo B. Costa

#### Mercados e Preços

Engº Agrº Rubens A. Dias (chefe)  
Engº Agrº Constantino C. Fraga

#### Organização e Administração Rural

Engº Agrº O. J. T. Ettorei (chefe)  
Engº Agrº Fernando S. Gomes Jr.

### DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Engº Agrº Mario D. Homem de Mello

#### DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: Engº Agrº Ismar Ramos

#### SECRETARIA DA AGRICULTURA

São Paulo

Brasil

Impresso na D.F.A.

24-III-1952

## IRRIGAÇÃO DOS CAFEZAIS EM SÃO PAULO

O movimento que eclodiu recentemente em São Paulo, em favor da irrigação dos cafezais, é mais uma demonstração da combatividade dos agricultores paulistas. Estimulado pela experiência ousada de um agricultor que resolveu instalar um sistema de irrigação, em sua propriedade e encorajados pelos resultados obtidos em um talhão experimental da Estação de Mococa, os cafeicultores resolveram, sem demora e sem esperar pela confirmação desses resultados, atirar-se a essa nova prática agrícola. Para atender a procura de projetos de irrigação, já existem em São Paulo, no momento, dez firmas especializadas, as quais, segundo informações de técnica de reconhecida competência, atenderiam no momento pedidos de cerca de quinhentos interessados, estando já com duzentos projetos aprovados e seus respectivos equipamentos encomendados. Aliás, tem surgido certa dificuldade na importação de equipamentos, pois sendo quase todo ele de origem americana, a Carteira de Câmbio do Banco do Brasil tem dificultado o fornecimento de divisas, não obstante a Carteira de Exportação e Importação haver fornecido as licenças necessárias. Segundo nos foi informado, cerca de 150 equipamentos estariam prontos para embarque nos Estados Unidos, a espera dessa liberação.

Calcula-se que o projeto fica em quatrocentos mil cruzeiros para uma lavoura de cem mil pés. É verdade que o Banco do Brasil, através de sua Carteira Agrícola, tem facilitado aos cafeicultores, financiando-lhes o empreendimento no prazo de cinco anos e juros de 7%.

No número anterior do nosso boletim, mostramos que a lavoura de São Paulo apresentava, este ano, uma melhoria apreciável no nível técnico de sua exploração, pois o consumo de adubos, inseticidas e máquinas agrícolas fora substancialmente maior do que a dos anos anteriores. Manifestamos, porém, o receio de que tal melhoria não fosse permanente.

Com a permanente irrigação dos cafezais não há razão para tal receio. Ainda que sua introdução se deva, em grande parte, aos preços favoráveis do café, é certo que essa prática, uma vez instalada, deverá permanecer, independente da conjuntura de preços, pois trata-se, em si, de uma prática de caráter permanente.

## ASPÉCTOS DA PECUÁRIA DE CORTE DO TRIÂNGULO MINEIRO E SUL DE GOIÁS

As invernadas do Estado de São Paulo, principalmente as situadas no Vale do Rio Grande e parte das localizadas na Noroeste encontram no rebanho mineiro e goiano a fonte de seus suprimentos. Por sua vez, essas regiões têm no mercado paulista o seu unico escoadouro. Em virtude disso, não será exagero considerar tais zonas, pelo menos nesse aspecto, como tributarias do Estado Paulista. Portanto, torna-se imperativo conhecer o arcabouço de sua pecuaria de corte. É em vista disso propuzemo-nos a visitar aquela região, não só para sentir o grau de sua técnica criatória, como para organizarmos um corpo de informantes que nos puzesse periodicamente ao par dos níveis dos preços do gado em geral, preços esses recebidos pelos criadores.

O Triângulo Mineiro e o Sul de Goiás se caracterizam por constituírem, indistintamente, zonas de criação e recriação. Existem também invernistas que se dedicam a engorda, porém em pequena percentagem. As práticas de criação se enquadram em boas normas e em progressiva melhoria técnica. As pastagens são em geral artificiais, de preferéncia formadas em terras de boa fertilidade. O suporte das invernadas é razoável. O despraguejamento é prática que se faz comumente em toda a região. Entretanto, a pouco recomendada prática da queimada é realizada com regular frequência. A variedade de capim predominante é o jaraguá. O capim gordura é encontrado de preferéncia em terras de inferior qualidade.

As vacinações contra as diferentes doenças é feita em quase todas as fases da criação. O arraçoamento suplementar com torta de algodão, na época seca do ano, já vai tomar do impulso e tanto o criador como o recriador já sentem essa necessidade.

A utilização de reprodutores de melhor sangue que vem sendo feita, já se faz sentir na melhoria do rendimento do rebanho dessas regiões. O rebanho é bastante mesclado de raças zebuínas com predominância do sangue Gir e do Índio-Brasil.

Sentimos de perto que a recente medida governamental que libera o preço da carne, levou aos pecuaristas em geral um indisfarçável bem estar, e confiança num futuro promissor.

Os recriadores movimentam-se em busca de gado para suas invernadas; é comum encontrar-se nas estradas, partidas de bezerros desmamados de ano e de sobre ano, que demandam as invernadas a fim de adquirirem era para serem enviados às invernadas de São Paulo. Os negócios estão tão se processando em ritmo animador. Os criadores estão alcançando de Cr\$ 1.000,00 a 1.300,00 por bezerro de ano e sobre ano. Para garrotes de ano e meio e dois anos o preço oscila entre Cr\$ 1.400,00 a 1.600,00.

Acreditam os que se engrenam no "metier" pecuário, que a recente valorização levará os criadores a reter as matrizes e aumentar significativamente a exploração. Todavia, há os que acreditam em outra possibilidade, que é a da criação não poder aumentar devido à competição que sofreram da cultura de arroz. Elevando-se os preços de arroz, é possível que os fazendeiros resolvam incrementar essa cultura, em lugar da criação de gado. Essa segunda alternativa apresenta-se de maior importância se considerarmos que as pastagens dessa região se acham localizadas, com várias exceções, em terras muito boas cujo preço varia atualmente entre 10 a 12 mil cruzeiros, o alqueire (duplo). Com a procura crescente de terras por parte de nossos agricultores, é natural que se dê o deslocamento da criação extensiva, para lugares onde as terras não são tão valorizadas e onde a condensação da população é menor.

Não podemos fazer uma determinação objetiva sobre o custo da criação e recriação de bezerros. Conseguimos, entretanto, com um criador de Goiânia e um recriador de Uberlândia, a relação dos gastos com ambas as práticas. Alinhamos essas informações, como segue, e determinamos o custo da cria e recria naqueles locais. O cálculo tem pois, como já fizemos ver, um valor meramente ilustrativo.

CUSTO DE CRIAÇÃO

(Propriedade a 60 Km. distante de Goiânia)

Capital:-

660 alqueires de terra (24.200m2)	
a Cr\$ 3.000,00 .....	Cr\$ 1.980.000,00
1.000 vacas de cria a Cr\$1.500,00 ..	1.500.000,00
30 touros a Cr\$ 5.000,00 .....	150.000,00
25 animais de custeio a Cr\$.....	
1.000,00.....	25.000,00
Total .....	Cr\$ 3.655.000,00

Juros de 7% a.a. sobre Cr.\$ 3.655.000,00= 255.850,00

Despesa Anual de Custeio:-

Braço-	9 peões, sendo 3 a Cr\$ 1.500,00 e 6 a Cr\$800,00 por mês .....	Cr\$ 111.600,00
Impostos-	Territorial e estradas .....	15.000,00
Sal-	480 sacos a Cr\$ 55,00 .....	26.400,00
Torta-	20 toneladas a Cr\$ 1.200,00 .....	24.000,00
Vacinas-		
a)	contra aftosa .....	3.000,00
b)	contra peneumoenterise .....	720,00
c)	contra manqueira .....	720,00
Solária-		
Conservação de cercas e limpeza de invernadas.		40.000,00
Conservação de benfeitorias .....		5.000,00
Prejuízo por morte de vaca (2%) .....		3.000,00
Prejuízo com camaradas .....		5.000,00
Ordenado de gerência .....		60.000,00
Total .....		Cr\$ 295.640,00

Juros sobre o capital de custeio  
 7% a.a. durante 3 meses sobre Cr\$235.640,00  
 (não inclui ordenado da gerência ) ..... 8.247,00

Depreciação Anual-

30 touros .....	Cr\$ 15.000,00
Animais de custeio .....	1.430,00
	Cr\$ 16.430,00

Total das Despesas-

1)-Juros sobre o capital empatado ...	Cr\$ 255.850,00
2)-Despesas anuais de custeio .....	295.640,00
3)-Juros sobre capital de custeio ...	8.247,00
4)-Depreciação anual .....	<u>16.430,00</u>
Total .....	Cr\$ 576.167,00

A média de nascimentos, segundo a mesma fonte, gira em torno de 65%, com uma morte de 10% dos nascidos.

Teremos então:-

Nascimentos - 650 ( entre machos e fêmeas)
Mortes - 65
Criados - 585 cabeças

Custo de bezerro=  $\frac{\text{Cr\$ } 576.167,00}{585} = \text{Cr\$ } 984,90$

Nota-se, portanto, pelos cálculos, que o bezerro macho ao sair para a recria com 12 meses, já está para o criador por Cr\$ 984,90 bem como por esse preço ficam as fêmeas destinadas a renovação do plantel. Passemos agora ao cálculo do custo de recria obtido no Triângulo Mineiro.

CUSTO DE RECRIA - NA REGIÃO DE UBERLÂNDIA

Atualmente o criador adquire o bezerro de ano e sobre ano a preços que variam de 1.000 a 1.300 cruzeiros. Tomando-se a média de Cr.\$ 1.150,00 por cabeça, teremos:

Capital -

a)- Capital invertido na compra:

1- 1.000 bezerras a Cr\$ 1.150,00...	Cr\$ 1.150.000,00
2- imposto de vendas e consignações ( 2,94%) .....	<u>33.810,00</u>
Total .....	Cr\$ 1.183,810,00

b)- Despesas feitas para colocar a bezerrada na fazenda (1)

1- Transporte da bezerrada .....	Cr\$. 15.000,00
2- Perdas durante a marcha (1%)...	<u>11.150,00</u>
Total .....	Cr\$. 26.150,00

Custo da boiada posta na propriedade ... Cr\$.1.209.960,00

(1) cobra-se em média 2,50 por cabeça e por marcha. Gastam-se seis marchas no transporte.

Juros sobre o Capital-

Juros de 7% a.a. sobre o capital aplicado durante 22 meses ..... Cr\$ 155.277,00

Despesas de Custeio-

1-Pessoal (2 peões a Cr\$ 1.000,00 cada)	Cr\$ 44.000,00
2-Aluguel da-invernada (Cr\$15,00 p/cabeça e por mes durante 22 meses).....	330.000,00
3-Sal(700 grs.por cabeça e por mês)....	28.231,00
4-Torta a (arraçoa os bezerros mais fracos durante a seca).....	12.000,00
5-Vacinação (3 doses cada) .....	9.000,00
6-Desinfetantes .....	2.000,00
7-Animais de custeio (6 animais a Cr\$.,. 1.500,00 e vendido por Cr\$ 400,00 apos 5 anos de serviço).....	2.589,00
8-Perdas na castração (1%) .....	11.500,00
9-Perdas por acidentes e doenças (2%)...	23.000,00
Total .....	Cr\$462.500,00

Gerência-

1- Ordenado de Gerência a Cr\$48.000,00 por ano Cr\$ 88.000,00

Juros sobre o Custeio e Gerência-

1- Juros de 7% a.a. sobre a importância gasta durante 22 meses ..... Cr\$ 33.108,00(1)

Resumo das Despesas-

a)-Capital aplicado na boiada.....	Cr\$ 1.209.960,00
b)-Juros sobre esse capital .....	155.277,00
c)-Despesas de custeio .....	462.500,00
d)-Ordenado de Gerência .....	88.000,00
e)-Juros sobre custeio e gerência .....	33.108,00
Total .....	Cr\$ 1.948.845,00

Assim, teremos Cr.\$ 1.948,80(Cr\$1.948.845,00)(2) para 1.000

o custo do boi até os três anos de idade, com caixa para 17 arrobas, quando está pronto para seguir para a engorda.

(1)-Juros de 7% sobre 50% do valor das despesas de custeio (menos os itens 8 e 9) e da gerencia, porque os gastos são parcelados por mês.

(2)-Nos itens Capital e Despesas de Custeio foram incluídos os valores dos bezerros perdidos, de modo que as despesas totais continuam a ser divididas por 1.000 cabeças.

## QUESTÕES DE POLÍTICA AGRÍCOLA

Preço Teto do Café:- Se o Governo deve ou não intervir em favor da elevação do preço teto americano é questão que vem empolgando os meios agrícolas de São Paulo. Não se trata de assunto que diz respeito ao nosso principal produto de exportação, como também, por ser a primeira vez entre nós que uma organização de classe, se manifesta publicamente contra a elevação do preço de um produto agrícola.

Ainda que estranha, tal atitude encontra apoio em dois argumentos. Um deles refere-se ao caráter passageiro da presente escassez do café, pois, com o plantio a se processar no norte do Paraná, em ritmo de grande intensidade, e, além disso, com a possibilidade das próprias lavouras de São Paulo virem a dar 10 milhões de sacas assim que o tempo correr bem, e de se esperar que nos próximos três ou quatro anos venha ocorrer uma modificação completa da situação, deixando de haver escassez, para se entrar em períodos de super produção. A julgar por essa perspectiva, o aumento de preço de café, no momento, não se mostraria benéfico pois traria uma intensificação de plantio e faria com que as lavouras se adaptassem a esses novos níveis de preços, elevando os salários dos colonos e o preço das terras; isso significaria que nos próximos anos, quando houvesse produção abundante e os preços caíssem, as dificuldades de readaptação dos agricultores seriam muito maiores.

Outro argumento que se alinha no mesmo sentido é o que diz respeito aos reflexos que tal elevação irá ter sobre a produção dos países que competem com o Brasil no mercado internacional do produto. Não há dúvida que uma nova elevação dos preços contribuiria para estimular ainda mais o plantio de novas culturas. Sendo o café uma cultura permanente, que uma vez formada, continuará a ser explorada ainda que a preços baixos, o atual aumento de preços poderia refletir, no futuro, em dificuldades ainda mais serias a lavoura cafeeira do Brasil.

De outro lado, alinham-se também em favor dos que pleiteiam uma atitude energética do Governo em favor da elevação dos preços. O principal deles é o que diz respeito a posição estatística do café. Conforme o balanço dado nas pgs. 19 deste boletim, a situação é extremamente favorável, pois os estoques estão baixos e, se a exportação continuar em níveis idênticos aos dos últimos meses, ficaremos em junho praticamente sem café nos portos. A safra para o próximo ano de 1952/53, segundo previsão da D.E.C., será de ape-

nas 15.850.000 sacas, das quais 15.000.000 são exportáveis. Isso significa que durante os meses restantes de 1952 e os seis primeiros de 1953 não poderemos manter o nível de exportação que temos alcançado nos últimos anos.

Além disso, os demais países produtores também não possuem café em estoques, e, conforme quadro IV da pag. 22 deste boletim contarão eles com uma produção pequena para este ano.

Conclui-se pois, que haverá falta de café no mercado mundial, e, desse modo, nada seria mais natural do que se conseguir uma elevação de preços a níveis que equilibrem a oferta e a procura desse produto.

Os que defendem esse ponto de vista, trazem ainda outro argumento. Alegam que é certo que teremos em breve um excesso de produção, quer venha o presente aumento, quer não venha, pois os preços atuais já são suficientemente elevados para isso. E concluem afirmando que nesse caso seria melhor <sup>que</sup> viessem mais dois ou três anos de preços bem elevados.

São esses os principais argumentos que se antepõem na questão de elevação dos preços de café. São argumentos de caráter econômico. Propositamente não foram aí incluídos argumentos de ordem política, pois, para facilitar a discussão, estamos admitindo simplesmente como ponto pacífico, que os Estados Unidos concordarão em elevar os preços do café em seu território.

É difícil ponderar devidamente os valores dos argumentos aqui expostos e ajuizar sobre a questão da elevação dos preços.

Se consideramos o interesse financeiro imediato do País e da lavoura cafeeira, e, desse modo, damos maior importância à elevação da renda agrícola e da receita cambial, sentimos nos inclinados a apoiar as medidas em favor da elevação dos preços. Se por outro lado, consideramos os benefícios de uma economia estável, e, se ponderamos sobre os inconvenientes dos períodos de super produção e os do plantio de novas lavouras nos países competidores, sentimos-nos inclinados para uma política de não elevação como uma das medidas de uma série a ser tomada nesse sentido, pois, evidentemente, não seria apenas com uma só dessas medidas que se obteriam tais resultados.

A imprensa do dia 18 de março publicou o decreto federal que inclui o algodão em pluma na lista dos produtos beneficiados pela lei nº1.506, que garante preços mínimos para produtos da lavoura.

Por esse decreto, a Comissão de Financiamento da Produção se compromete a adquirir o produto posto em São Paulo por Cr.\$ 250,00 por arroba para o mesmo tipo. Como tais transações estão sujeitas a uma série de despesas, torna-se necessário descontá-las a fim de determinar o preço líquido a ser recebido pelo produto. No Quadro I, onde são apresentadas tais despesas, vê-se que os preços líquidos na cidade de São Paulo serão aproximadamente de Cr\$ 236,63 e Cr\$179,15 respectivamente nos casos de aquisição e financiamento.

QUADRO I  
ALGODÃO EM PLUMA (1)  
Tipo 5  
CR\$ por 15 Ks

Preço Garantido Produto posto São Paulo	AQUISIÇÃO		FINANCIAMENTO	
Despesas obrigatórias anteriores ao pedido feito a C. F. P.	Classificação	0,23	Classificação	0,23
	armaz. (14dias)	0,27	armaz. (14dias)	0,27
	seguro (14dias)	0,37	seguro (14dias)	0,37
		0,87		0,87
Prováveis deduções a serem feitas pela C.F.P.	1- Imposto vendas e consig.	7,50	1- Imposto vendas e consig.	7,50
	2- 1% onus eventuais .....	2,50	2- Armazenagem e seg. 60 dias	2,40
	3- 1% para o Banco a título de comissão de compra...	2,50	3- Juros 7% a.a. sobre o valor do crédito... aberto .....	2,33
			4- Comissão fiscalização (1/2% a.a.	0,17
			5- 3% do valor contratual p/ cobertura onus eventuais	7,50
Total das deduções		12,50		19,98
TOTAL GERAL		13,37		20,85
Preço líquido na cidade de São Paulo		236,63		179,15

(1) Os cálculos de despesas de armazenagem foram feitos na base de 1 fardo pesando 195 quilos (13 arrobas).

O decreto em questão especifica que os favores do presente decreto não serão concedidos aos compradores e maquinistas que pagarem aos lavradores preços não inferiores a Cr\$ 85,00 por arroba do algodão em caroço, do tipo médio. Ainda que o decreto não tenha especificado a forma pela qual será comprovado o pagamento de tal preço, resolvemos calcular as despesas a que estão sujeitos o algodão, desde que sai das mãos do produtor até chegar à cidade de São Paulo. Tomando como base a cidade de Presidente Prudente, essas despesas, montam em Cr\$ 30,00 por arroba de algodão em pluma.

Cr\$ POR ARROBA EM PLUMA

1- Frête até São Paulo (1) .....	5,91
2- Despesas de benefício (2) .....	13,29
3- Impostos de venda e consignações (sobre compra de 41,13 ks. de algodão em caroço a Cr\$85,00)(3) ..	7,00
4- Juros de 10% sobre o valor de uma arroba em pluma desde o recebimento do algodão em caroço até a venda do produto (30 dias).....	2,08
5- Eventuais .....	<u>1,80</u>
Total .....	30,08

Essas despesas, acrescidas das mencionadas no Quadro I, para o caso de aquisição, dão um total de Cr\$43,25 que deverá ser deduzido do preço garantido, Cr\$ 250,00 - dando assim um saldo de Cr\$ 206,75 por arroba em pluma .

No caso do financiamento, as despesas atingiram Cr\$ 50,93 por arroba (Cr\$ 30,08 + Cr\$ 20,85), resultando, portanto, num saldo de Cr\$ 149,07 por arroba de algodão em pluma. Esses seriam os preços líquidos que um interessado apuraria em Presidente Prudente, ou em outras cidades cujos fretes até São Paulo, são iguais ao acima mencionado.

- (1)-Frête de Presidente Prudente a São Paulo incluindo a co locação e retirada de vagões em dois desvios.
- (2)-Despesas médias de benefício em 1951
- (3)-Admitindo-se um rendimento igual ao da safra anterior , ou seja de 36,47%. Assim, para termos 15 quilos de algodão em pluma, teríamos que beneficiar 41,13 quilos de algodão em caroço, resultando ainda 24,75 quilos de caroço.

O valor líquido apurado no caso da venda à C.F.P. Cr.\$ 206,75, acrescido do valor do caroço de algodão, é que deverá cobrir o preço pago ao agricultor, assim como, a margem de lucro do comerciante. Se o algodão der um rendimento de benefício, idêntico ao do ano passado, isto é, 36,47%, será necessário que o preço do caroço seja superior ao preço de Cr\$ 12,00 a que estava tabelado, pois nessa base haverá apenas 82,62 para pagar ao agricultor e proporcionar lucro ao comerciante. Se por outro lado o caroço se mantiver ao preço de Cr\$ 20,00, nível este já atingido em certas ocasiões em São Paulo, a disponibilidade para cobrir esses itens será de Cr\$ 87,41 .

Nesses cálculos, como já foi salientado, tomamos como base os fretes de Presidente Prudente a São Paulo (Cr\$5,91 por arroba em pluma). Se consideramos o caso de regiões com fretes maiores, torna-se necessário admitir preços ainda mais elevados para o caroço de algodão, de modo a possibilitar o pagamento de um preço mínimo de Cr\$ 85,00 por arroba, ao produtor de algodão.

### SITUAÇÃO DA PECUÁRIA

Pastagens: - As chuvas caídas no mês de fevereiro p.p. foram benéficas às pastagens de todo o Estado, que se encontram, em geral, em muito bom estado. Na região de Andradina prossegue-se a formação de novas invernadas, sendo ainda o capim colômbio o mais usado.

Gado de corte: - Mantém a mesma posição do mês anterior, isto é, entrada de bois magros e saída de gordos. O estado sanitário do rebanho, é bom. O boi magro nas zonas de criação está valendo de Cr.\$ 1.400,00 até Cr.\$ 2.000,00 conforme era, qualidade e apartação.

Cotação: (Fornecida pelo Sind. da Indústria do Frio de S. Paulo)

<u>Frigorífico Armour</u>		<u>Frigorífico Wilson do Brasil</u>	
Preços de compra até 14-3-52 (Posto Frigorífico p/arroba)			
Bois de consumo	150,00	Novilho gordo	150,00
Vacas e torunos gordos	144,00	Vacas e torunos gordos	144,00
Carreiros gordos	145,50	Gado tipo conserva	105,00
Gado tipo conserva	100,00	Vitelos gordos p/kg.	10,00

**Gado de Leite:** O rebanho leiteiro encontra-se inteiramente refeito da prolongada seca a que foi submetido. No Vale do Paraíba iniciou-se um movimento no sentido de fomentar novas técnicas de produção, principalmente no que diz respeito a bromatologia. Em Taubaté estão sendo modelados campos agrostológicos com finalidade de propagação e distribuição de sementes e mudas aos agricultores; em Pindamonhangaba constatou-se focos de febre aftosa, porém de pequena intensidade. Em Taquaritinga reina certo descontentamento entre os produtores, devido aos preços pagos pela Cia Nestlé e que têm sido de Cr\$ 0,20 para o leite ácido, Cr\$ 1,70 para o leite extraquota, Cr\$ 2,20 para o leite de quota. Convém notar que nesses preços estão incluídos os carros e os fretes. Na região de Capão Bonito reina interesse pela melhoria da pecuária leiteira; com a introdução de reprodutores de raças especializadas.

**Avicultura:** - Mantém o mesmo estado de interesse que vem experimentando ultimamente. A região de Registro conta atualmente com 30 granjas organizadas com um total de 17.000 cabeças. É de se notar ainda a falta de alimentos indispensáveis à criação. Queixam-se os avicultores da dificuldade na obtenção de alimento necessário à exploração.

**Cotação:** (Fornecida pela Associação Paulista de Avicultura)  
Ovos de granja - Média do mês de fevereiro - (Caixa de 30 dúzias)  
Casca branca.

Tipo especial....	Cr\$ 450,00	-	Tipo B .....	Cr\$ 420,00
Tipo A .....	440,00	-	Tipo C .....	370,00

Ovos de granja - casca vermelha.  
Tipo especial .... Cr\$ 470,00 - Tipo A ..... Cr\$ 460,00  
Mercado firme com tendência a alta.

**Aves:**  
Raça Especializada de corte - galinha Cr\$ 15,00 o quilo  
frango 17,00 "  
Galinha Leghorn ..... 14,00 "

**Suínocultura:** Apesar da safra já estar no fim, verificou-se intensa saída de porcos de Fartura para a Capital e outras localidades. Em Capão Bonito a peste suína atacou o rebanho com alguma intensidade, havendo um prejuízo de mais ou menos 6.000 cabeças. Lamenta-se a inexistência de vacinas na região. Foram notados focos de peste suína em Fartura, Ourinhos, Duartina, Itapetininga, Capão Bonito e Assis.

**Cotação:** (Fornecida pelo Sind. da Indústria do Frio de SPaulo)  
Preços de compra até 14-3-52, posto frigorífico)  
Frigorífico Armour S/A | Frigorífico Wilson do Brasil S/A  
Suíno gordo, média de 80Kg | Suíno gordo, média de 80 Kg.  
Cr\$ 220,00 ..... | Cr\$ 210,00 .....

## LEVANTAMENTO DOS PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES

A Secção de Mercados e Preços, da Subdivisão de Economia Rural, vem realizando desde junho de 1948 um serviço de coleta e divulgação mensal dos preços médios recebidos pelos lavradores na venda dos principais produtos agrícolas no interior do Estado. Para tal fim foi organizada, com o auxílio de agrônomos regionais, uma rede de informantes composta de pessoas diretamente ligadas à produção e ao comércio dos produtos agrícolas.

Atualmente contamos com a colaboração de cerca de 600 informantes, entre comerciantes, maquinistas, lavradores, associações de classe etc. Esses informantes, que estão distribuídos em 169 municípios de maior expressão agrícola do Estado, preenchem mensalmente os questionários enviados, dando os preços médios de cada produto, sendo que esse preço é calculado mediante a relação entre a quantidade total vendida e o valor das transações efetuadas em dias próximos ao meado de cada mês. Esse preço não se refere, pois, a qualquer tipo de um determinado produto, mas sim a uma média de todos os tipos e classes negociados na ocasião.

Os preços são agrupados por regiões agrícolas, calculando-se a média aritmética de cada produto, em cada região. A seguir, são calculadas as médias dos Setores Agrícolas. Para esse fim, as médias das diversas regiões que compõem o setor, são ponderadas de acordo com as estimativas de produção de cada dessas regiões. Usa-se o mesmo processo para o cálculo do preço médio mensal do Estado. Os pesos usados nessas ponderações variam anualmente, conforme as safras de cada ano. O quadro I apresenta os pesos dos diversos setores, usados para o cálculo de preço médio mensal do Estado, nos anos de 1948 a 1951.

Para o cálculo do preço médio anual do Estado será usada igualmente uma média ponderada, utilizando-se como pesos, os volumes das vendas efetuadas em cada mês. Esse cálculo ainda não foi feito, pois depende da realização de uma pesquisa especial para determinar as percentagens de vendas mensais dos vários produtos. No caso do algodão em caroço, esse preço anual

já é calculado, utilizando-se como peso, as entradas mensais do produto nas máquinas de benefício.

Já estão sendo apurados regularmente os preços médios mensais do Estado, para os seguintes produtos: arroz ( em casca e beneficiado ), feijão, milho, café ( em casca e beneficiado ), algodão em caroço, amendoim, mamona e batata; procede-se ainda a coleta dos preços de mais doze produtos agrícolas: cebola, alho, casulo, gergelim, soja, mandioca, fumo, óleo de hortelã, alfafa, chá preto, laranja e banana.

Acha-se em estudos a extensão desse serviço aos produtos agrícolas de origem animal- bovinos (para engorda e abate), suínos, leite, ovos etc., assim como a coleta de preços vigorantes para certos produtos, em zonas vizinhas do Estado, como Norte do Paraná, Triângulo Mineiro e Sul de Goiás.

Por outro lado procurar-se-á proceder ao levantamento dos preços pagos pelos lavradores a uma série de artigos necessários a produção agrícola. Com os elementos fornecidos por esses levantamentos tornar-se-á possível construir os índices de preços recebidos e de preços pagos pelos lavradores. A relação entre esses dois índices nos mostrará o poder de compra dos produtores agrícolas. Esses índices constituem um dos possíveis elementos que se terá em mãos para analisar as variações da situação econômica da lavoura paulista.

Apresentamos nos quadros a seguir os preços médios mensais de 1948 a 1951. Esses preços são resultantes de uma revisão feita nos que foram anteriormente publicados.



## LEVANTAMENTOS ECONOMICOS DA SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

## PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES

## DADOS COLETADOS PELA SEÇÃO DE MERCADOS E PREÇOS

A N O	A R R O Z		FEIJÃO	MILHO	C A F É		ALGODÃO	AMENDOIM	MAMONA	BATATA
	Em casca Soz. 60 Ks.	Benef. 60 Ks.	Soz. de 60Ks	Soz. de 60 Ks	Em coco Soz. 60K	Benefic. Soz. 60Ks.	PPF (1) arroba	em casca Soz. 25Ks	Por Quilo	Soz. de 60 Ks.
1948										
Janerio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Fevereiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Março	-	-	-	-	-	-	50,97	-	-	-
Abril	-	-	-	-	-	-	59,37	-	-	-
Mai	-	-	-	-	-	-	64,02	-	-	-
Junho	133,80	223,20	224,10	65,50	136,70	445,70	62,51	54,90	1,93	147,70
Julho	139,00	232,40	216,20	68,10	143,00	467,00	61,38	52,60	1,87	164,80
Agosto	148,30	241,70	214,20	70,40	135,30	442,90	59,80	49,70	1,67	165,30
Setembro	151,10	246,20	208,90	71,90	128,70	430,70	59,73	47,80	1,65	149,20
Outubro	156,40	256,30	207,80	79,40	131,20	436,60	60,31	47,40	1,47	130,70
Novembro	161,90	264,40	199,90	89,20	130,30	452,80	-	46,10	1,51	105,80
Dezembro	165,90	266,90	170,30	91,60	140,20	459,40	-	42,90	1,63	71,30
Preço medio anual ponderado	-	-	-	-	-	-	62,02	-	-	-

A N O	A R R O Z		FEIJÃO	MILHO	C A F É		ALGODÃO	AMENDOIM	MAMONA	BATATA
1949	Em casca Soz. 60 Ks.	Benef. 60 Ks.	Soz. de 60Ks	Soz. de 60 Ks	Em coco Soz. 60K	Benefic. Soz. 60Ks.	PPF (1) arroba	em casca Soz. 25Ks	Por Quilo	Soz. de 60 Ks.
Janerio	171,80	268,80	131,10	91,50	139,00	458,10	-	39,60	1,68	65,10
Fevereiro	181,30	284,90	125,90	91,30	139,40	455,70	-	56,10	1,60	59,80
Março	163,60	272,30	115,00	89,10	138,60	451,40	63,62	54,50	1,42	62,20
Abril	165,60	269,10	88,20	83,00	132,50	440,00	64,78	50,80	1,33	71,40
Mai	165,40	270,80	90,10	80,90	133,90	445,80	61,90	49,90	1,20	91,40
Junho	159,60	260,30	82,10	76,70	141,20	455,20	61,70	50,80	1,24	113,40
Julho	157,50	263,90	75,90	73,60	152,90	484,80	61,70	45,80	1,22	108,40
Agosto	166,60	273,10	73,80	72,30	163,80	514,70	60,70	47,80	1,20	90,20
Setembro	187,90	292,50	75,50	74,60	173,80	543,50	59,70	49,80	1,20	107,50
Outubro	195,40	302,70	79,20	79,00	193,30	610,40	-	56,40	1,18	129,70
Novembro	199,40	311,00	85,30	86,20	273,80	921,80	-	58,60	1,23	161,90
Dezembro	196,00	305,40	84,80	89,80	284,20	943,10	-	59,20	1,28	173,80
Preço medio ponderado anual	-	-	-	-	-	-	61,94	-	-	-

Nota (1) - Os preços de algodão em 1948 foram calculados com dados da Seção de Fiscalização de Fibras Textéis - Divisão de Economia Rural

## LEVANTAMENTOS ECONOMICOS DA SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

## PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES

## DADOS COLETADOS PELA SEÇÃO DE MERCADOS E PREÇOS

A N O	A R R O Z		FEIJÃO		MILHO		C A F É		ALGODÃO	AMENDOIM	MANIÇA	BATA	TATUÍ
	Em casca So. 60 K.	Benef. 60 K.	So. 60 K.	So. 60 K.	Em casca So. 60 K.	Benefic. So. 60 K.	Por Arroba	Em casca So. 25 K.	Por Quilo	So. 60 K.	Por So. 60 K.	So. 60 K.	So. 60 K.
1.950	EM CAROÇO												
Janeiro	171,70	286,00	90,90	86,90	285,20	948,50	-	53,70	1,38	121,60			
Fevereiro	119,50	221,50	110,90	75,90	285,30	956,30	-	56,30	1,38	117,00			
Março	105,50	193,70	114,20	68,50	277,30	925,00	58,10	53,80	1,54	113,00			
Abril	110,20	138,90	125,50	62,40	280,00	933,70	55,20	49,00	1,79	144,40			
Mai	108,10	182,60	147,30	54,70	272,00	907,60	60,90	47,80	1,88	182,00			
Junho	108,60	178,40	134,40	50,60	277,50	931,50	73,30	55,20	2,00	211,30			
Julho	104,10	180,10	129,80	49,60	316,80	1.057,30	79,30	71,50	2,06	175,40			
Agosto	119,10	195,20	132,50	53,40	332,90	1.095,70	82,40	88,00	2,28	190,50			
Setembro	126,90	208,10	135,80	55,50	351,30	1.159,00	80,50	90,60	2,79	204,90			
Outubro	125,50	207,10	139,30	58,30	336,40	1.133,00	80,60	93,80	2,86	214,50			
Novembro	111,40	193,40	137,30	61,60	311,80	1.056,60	-	99,80	2,65	240,60			
Dezembro	104,70	182,00	132,00	62,10	304,60	1.032,30	-	84,50	2,93	173,90			
Preço médio ponderado anual	-	-	-	-	-	-	68,61	-	-	-	-	-	-
A N O													
1.951													
Janeiro	102,00	179,00	130,20	65,40	315,50	1.075,40	-	64,90	3,36	116,50			
Fevereiro	97,90	174,80	147,80	66,00	316,90	1.092,70	-	59,20	3,68	135,70			
Março	97,50	172,90	161,50	66,40	314,00	1.087,10	134,90	50,30	3,86	155,90			
Abril	93,10	172,80	169,50	67,50	310,40	1.081,30	126,50	54,30	3,91	182,60			
Mai	99,80	172,60	190,60	67,20	312,60	1.083,10	141,90	54,30	3,99	202,40			
Junho	100,30	176,10	162,90	67,60	293,10	1.035,90	106,20	54,30	4,15	205,70			
Julho	100,50	172,40	147,60	70,10	288,10	1.003,80	79,70	52,20	3,63	179,40			
Agosto	99,60	170,00	136,20	70,10	296,80	1.011,70	77,60	52,50	3,00	156,30			
Setembro	106,40	186,20	137,20	73,00	305,50	1.024,80	90,10	56,40	3,34	117,10			
Outubro	111,60	190,70	146,40	77,60	306,60	1.031,00	95,00	60,00	3,71	99,70			
Novembro	121,90	198,70	160,00	87,90	298,10	1.042,80	-	61,50	3,78	82,30			
Dezembro	136,20	220,40	177,30	101,10	296,00	1.021,80	-	64,00	3,82	83,10			
Preço médio ponderado anual	-	-	-	-	-	-	113,06	-	-	-	-	-	-

LEVANTAMENTOS ECONÔMICOS DA SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES

MÊS DE FEVEREIRO DE 1.952 °

POR SETORES AGRÍCOLAS	A R R O Z		FEIJÃO		MILHO		C A F É		AMENDOIM	MAMONA	BATATA
	Em casca Se.60 K.	Benef. 60 K.	Se.de 60 K.	So.de 60 K.	Em casca So.60K	Benef. So.60K	Em casca So.25Ks.	Per Quile	So.de 60 Ks.		
Aracatuba	180,00	269,20	216,50	99,20	306,20	1.044,80	58,40	3,95	120,00		
Araraquara	171,50	285,50	196,00	110,90	300,00	-	59,40	3,80	143,30		
Araricá	183,50	287,90	213,40	94,40	312,40	1.041,60	62,50	3,68	116,70		
Auriflora	187,70	273,80	214,50	111,00	308,40	1.044,10	58,80	3,00	122,70		
Bebedouro	171,00	291,30	205,00	114,60	304,80	1.094,00	57,80	4,28	105,60		
Campania	195,00	324,10	236,00	123,80	318,00	1.073,90	-	-	91,90		
Capetinga	184,30	290,70	196,00	121,60	-	-	-	-	126,90		
Caraguatatuba	192,80	330,40	186,70	125,00	300,00	1.050,00	-	4,50	90,00		
Caraguatatuba	195,80	305,70	208,40	95,40	307,30	1.119,00	62,60	3,77	90,00		
Caracacaba	194,50	308,10	206,30	100,20	280,00	1.103,60	70,00	-	89,40		
Carassununga	185,30	307,40	214,70	123,00	320,00	1.116,60	69,70	-	76,30		
Carapicuíba	159,70	281,50	209,00	89,10	321,90	1.067,70	58,40	3,81	102,10		
Carapicuíba	185,60	286,20	177,50	122,90	299,80	1.082,90	60,60	3,90	80,00		
Carapicuíba	172,70	274,40	175,20	91,80	311,30	1.078,30	57,20	-	120,00		
Carapicuíba	179,40	323,70	214,80	125,40	335,10	1.042,20	-	-	88,60		
Carapicuíba	160,40	256,30	231,00	133,10	-	-	-	-	130,00		
Preço médio ponderado do Estado em Fevereiro	181,00	289,60	202,50	109,10	307,60	1.071,70	61,50	3,96	98,20		
Idem Jan.	161,00	258,80	205,40	117,30	307,80	1.057,40	57,80	3,74	91,60		

Nota: - Os preços revisados de 1951, bem como os dos anos anteriores acham-se na PG

(\*) Dados de 1952 sujeitos a revisão posterior

Coletados pela Secção de Mercados e Preços.

**Café:**- Intensificaram-se em fevereiro as exportações de café por Santos, sendo embarcadas para o exterior 781.248 sacas. Enquanto o porto paulista teve suas exportações aumentadas, todos os outros portos tiveram quedas em seu movimento. Apesar disso, o Brasil exportou nesse mes 1.405.445 sacas.

O mercado de café em Santos manteve-se estável durante o mês de fevereiro. A média do tipo 4 mole no disponível foi de Cr\$ 199,32 por 10 quilos. As alterações havidas no disponível e no mercado de entregas diretas entre os dias 1 e 29 foram as seguintes:

Fevereiro  
Cr\$ por 10 quilos

Dias	Disponível 4 mole		Entregas Diretas			
		mês presente	mar/jan	jul/Dez	jan/jul/53	jul/Dez
1	199,50	204,00	207,50	215,00	218,00	-
29	199,00	203,00	206,50	211,00	214,50	213,50
diferença	-0,50	-1,00	-1,00	-4,00	-3,50	-

Conforme salientamos no número anterior, as cotações de todos os meses do mercado de entregas diretas, encontram-se acima do correspondente em Santos, a preço teto americano <sup>que</sup> é de Cr\$201,20 quilos para o tipo 4 mole.

Isso se explica em grande parte, pela confiança que os círculos interessados depositam na elevação do preço teto, em virtude da excelente posição estatística do nosso produto.

Segundo dados levantados pela D.E.C., as disponibilidades de café no País, em 29 de fevereiro deste ano, eram de 6.667.509 sacas, das quais, 3.395.323 constituíam os estoques nos portos e ... 3.272.277 sacas aguardavam liberação no interior.

Esse total é bem inferior ao constatado em igual data nos últimos anos, conforme mostram os números a seguir:-

QUADRO I

A N O S	Disponibilidades em 29/fev.
1949	8.840.675
1950	8.830.594
1951	7.667.509

A média de exportação para o exterior nos 8 primeiros meses da safra de 1951/52 foi de 1.480.000 sacas por mês. Caso essa média se mantenha nos restantes quatro meses de safra, teremos uma exportação de 5.920.000 e ficaremos, por conseguinte, com um estoque de 500.000 sacas em 30 de junho, uma vez que pouco menos de 300.000 sacas devem ser destinadas à exportação de cabotagem e consumo dos portos.

Todavia, não é seguro admitir-se que a exportação desses quatro meses, se mantenha nesses níveis, pois, nos anos anteriores as exportações nesse período têm sido inferiores, conforme mostram os números abaixo:-

QUADRO II

A N O S	Exportação de março a junho
1946	5,5 milhões
1947	4,1 "
1948	5,3 "
1949	5,6 "
1950	3,8 (Campanha Gillete)
1951	4,6 milhões

Mas, ainda que as exportações desçam a níveis normais, igualando a média desses últimos anos, que foi de 4,8 milhões, chegaremos em julho com um estoque de apenas 1,6 milhões, esto-

que êsse considerado o minimo necessário para os negócios normais dos portos.

Se estendermos êsses cálculos e considerarmos a posição estatística de nosso café em relação à futura safra comercial de 1952/53, a situação não se modifica, pois, segundo a previsão feita pela D.E.C., a produção brasileira da safra de 1952/53 é de apenas 15.850.000 sacas.

Dêsse total é necessário retirar cerca de 850.000 sacos para o consumo nos portos de exportação e para o comércio de cabotagem; admitindo que se mantenha o mesmo estoque de 1,6 milhões, chega-se à conclusão que a exportação da safra de 1952/53 não poderá ser superior a 15 milhões, o que significa que seria uma das menores dos últimos anos, conforme os números abaixo:-

QUADRO III

SAFRAS	EXPORTAÇÃO	SAFRAS	EXPORTAÇÃO
1945/46	16.007.000	1948/49	17.744.736
1946/47	14.372.204	1949/50	16.934.691
1947/48	16.124.902	1950/51	16.592.765
		1951/52	16.646.171

Conclue-se pois, que a posição estatística do café brasileiro é, no momento, extremamente favorável. Não há estoques e a produção a ser colhida êste ano poderá ser exportada facilmente pois a safra é pequena.

Quanto à posição do café no mercado mundial, a situação atual também se mostra muito favorável. Conforme se depreende do Quadro IV a safra calculada para 1951/52 é inferior em mais de 1 milhão de sacas à de 1950/51, não sendo o suficiente para o consumo dos países não produtores, o qual deve girar entre 29 a 30 milhões de sacas. Saliencia-se, outrossim, que dos países produtores o único que normalmente dispõe de estoques é o Brasil, este como já foi visto, deverá terminar a atual safra com estoque abaixo do normal.

(1) Admitindo que a exportação de março a junho seja de 4,8 milhões de sacas.

## QUADRO IV

PRODUÇÃO MUNDIAL EXPORTÁVEL  
DE CAFÉ

1.000 sacas de 60 quilos

Países	Média			
	1935/36 a 39/40	1949/50	1950/51	1951/52
Salvador	1.011	1.150	1.112	750
Quatemala	922	900	800	900
México	609	700	900	1.010
Outros	1.458	1.565	1.360	1.664
America do Norte e Central	4.000	4.315	4.172	4.324
Brasil (1)	21.740	14.950	15.550	13.400
Colômbia	4.202	5.200	4.500	5.350
Venezuela	740	270	338	350
Outros	320	188	409	205
America do Sul	27.002	20.608	20.797	19.305
Angola	273	540	775	665
Congo Belga	300	458	539	500
Etiópia	263	568	480	517
Africa Ocidental Francesa	207	958	700	790
Madagascar	437	487	512	540
Uganda	222	461	560	660
Outros	613	623	740	949
Africa	2.315	4.097	4.396	4.621
Indonésia	1.356	90	310	165
Outros	291	149	116	178
Asia	1.647	239	426	343
Oceania	53	52	82	90
<b>TOTAL MUNDIAL</b>	<b>35.017</b>	<b>29.311</b>	<b>29.873</b>	<b>28.683</b>

Fontes: -Foreign Crops and Markets (U.S.D.A.) e Bureau Pan Americano de Café.

Nota: -Constam do quadro os países que produziram em alguns dos anos assinalados acima de 500.000 sacas anuais.

(1) - Produção exportável, menos consumo nos portos e comércio de cabotagem.

**Algodão:**- Novas e acentuadas baixas caracterizaram o mercado de algodão em São Paulo no decorrer de fevereiro.

A média mensal do tipo 5 no disponível foi de Cr\$. 294,78 por arroba, inferior em Cr\$ 54,37 a média do mês anterior. As alterações havidas entre os dias 1 e 29, no disponível e no termo foram as seguintes; no mercado de São Paulo.

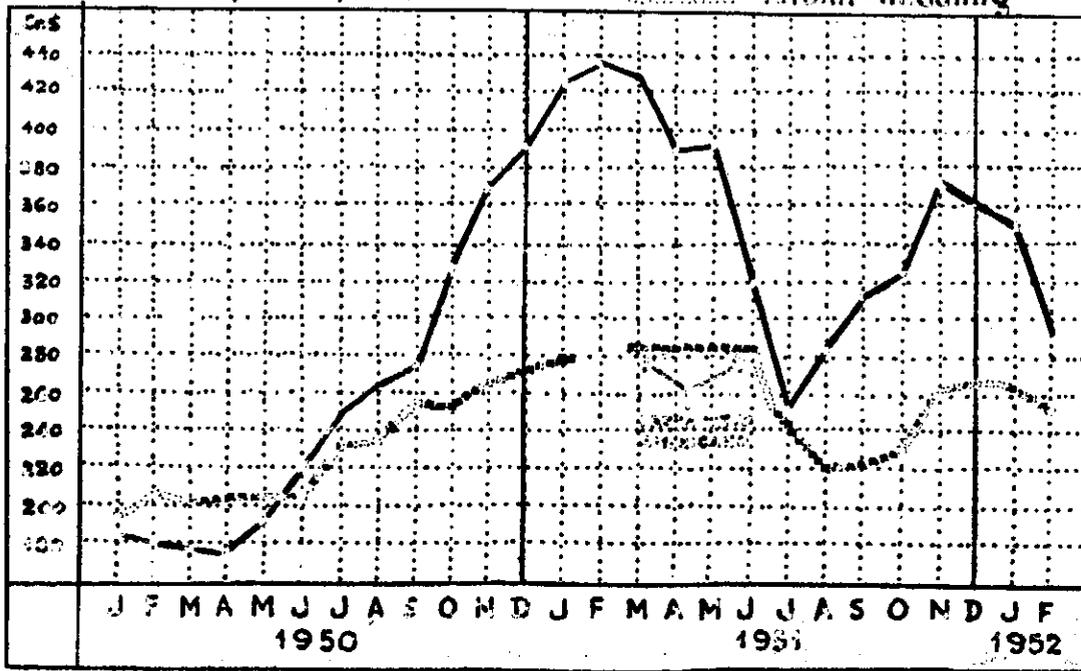
Cr\$ por 15 Quilos

Dias	Disponível tipo 5	Presente	TERMO - CONTRATO " C "				
			margo	maio	julho	outubro	dezembro
1	323,00	316,00	320,70	305,50	302,00	304,10	305,00
29	273,00	-	284,00	278,00	275,00	275,00	275,00
Diferença	-50,00	-	-36,70	-27,50	-27,00	-29,10	-29,50

Como acentuamos em comentário anterior (A Agricultura em São Paulo de fevereiro), são causas principais dessa baixa, as perspectivas de uma safra volumosa no Estado, e o ágio excessivo do algodão paulista sobre o americano, o qual, devido as últimas quedas de nosso algodão se acha bastante diminuído, conforme se constata no gráfico abaixo.

**COTAÇÕES DE ALGODÃO EM PLUMA**  
(Cr\$ por 15 quilos)

--- SÃO PAULO - tipo 5  
- - - - - NYORK - middling



## A SITUAÇÃO DA LAVOURA

Ao contrário do mês anterior, fevereiro foi desfavorável aos trabalhos agrícolas por ser chuvoso, sendo porém favorável a vegetação dos arrozais, milharais e cafezais, que ressentia a estiagem de janeiro. O atraso da estação chuvosa trouxe notável modificação no estado geral das lavouras, que a seguir descreveremos:

Algodão: No mês de janeiro era grande a abertura de maçãs, o que promete para este mês uma regular colheita de "baixeiros"; advindo as chuvas com maior frequência e duração, a colheita em muitos municípios foi não só retardada, como prejudicada no seu tipo, devido ao apodrecimento de parte desses capulhos.

O surto de "pulgões" que tinha assumido caráter muito sério, foi sustado em razão das chuvas; os inseticidas não se mostraram eficazes em seu combate. Verificou-se a seguir, em mais de 20 municípios, grande propagação de "curuquerê", o que determinou uma procura intensa e repentina de arseniatos.

Os "perceijos" rajados e castanhos assumiram grande desenvolvimento em considerável número de municípios. Todavia, é a "lagarta das maçãs" que maior prejuízo pode vir a ocasionar, pelo vulto e expansão que está tomando nas zonas algo doces, destacando-se entre elas a de Presidente Prudente, Tupã e Paraguaçu. Houve surto de "broca" em diversos municípios. Causa apreensões o amarelamento dos algodoads, fenômeno esse também chamado "vermelhão" e que se atribue a "fome de potássio". Somente no próximo mês será possível dizer com segurança sobre as modificações da previsão da safra, feitas em janeiro.

Café: Desde janeiro os tratos culturais nos cafezais achavam-se adiantados, inclusive o reparo de cordões e o enterrio de adubos verdes.

Em fevereiro, esses trabalhos foram completados com os serviços de replantas, que se processam em ritmo acentuado. Se persistirem esses cuidados e a formação de novas lavouras em zonas velhas, como vem acontecendo em Jacaré e outros lugares, poderemos ter em breve uma modificação radical do panorama de nossa lavoura.

A maturação dos frutos ainda se apresenta desigual. As

chuvas têm contribuído para a queda dos frutos mal desenvolvidos, favorecendo desse modo a recuperação dos cafezais e a melhoria da "armação" das árvores. A não ser pequenos focos de "broca" e "bicho mineiro" não há outras pragas de vulto. Há casos de zonas cujas culturas sofreram tanto com as estiagens dos últimos anos, que não reagem satisfatoriamente as melhorias das condições climáticas deste ano, como acontece no setor de São José do R. Preto. Ao contrário, felizmente, nas zonas tipicamente cafeeiras, como Piraju, Ourinhos, Ipaçu, Fartura, Cafelândia, Jau, Lins e São Manuel houve reação muito favorável.

Ainda não é possível precisar as modificações da safra em relação à previsão feita em janeiro.

**Arroz:** No fim do mês já havia arroz em ponto de colheita, principalmente os plantados nas baixadas. As chuvas de fevereiro vieram beneficiar as plantações tardias de "coqueiro". Como maior porcentagem dos arrozais havia sofrido grandes falhas e as replantas foram muito desiguais, o estado das culturas ainda deixa a desejar.

Em alguns municípios como Ourinhos, Chavantes, Piracicaba, São João da Boa Vista e outros, são esperados bons rendimentos, em outros, ao contrário, há muitos arrozais mal granados. Nas plantações de várzeas e especialmente nas do Vale do Paraíba houve grandes prejuízos devido as enchentes.

Somente no próximo mês será possível determinar com segurança a influencia dessas modificações sobre a previsão da safra feita em janeiro.

**Milho:** As chuvas beneficiaram as plantações tardias, havendo milho "quebrado" em muitos municípios, mas, o forte da colheita só terá início no próximo mês. Espera-se bons rendimentos nos municípios de terras boas. O ataque de "lagartas" desapareceu devido as chuvas e foi maior nas culturas intercaladas.

O pouco desenvolvimento da maioria das culturas não promete melhoria nas previsões que continuam praticamente iguais as do mês passado.

**Feijão:** Se janeiro foi favorável à colheita de feijões, fevereiro o foi para o preparo da terra e plantio da safra da seca, na maioria das regiões. Esta, em muitas regiões, se acha atrasada em virtude das culturas de milho, com as quais são plantados em sistema intercalar, terem sido semeadas mais tarde. O plantio do feijão das secas deverá prosseguir no mês de março.

Amendoim: Como sucedeu com o feijão, a colheita do amendoim processou-se favoravelmente no mês de janeiro, com ligeiras exceções, como em Tupã, onde as colheitas foram atingidas pelas chuvas de fevereiro. Prepara-se terra para o plantio das secas que como sempre acontece ocupou menor área; o volume da produção de amendoim da safra das águas, foi mantido no nível das produções anteriores; no setor de Presidente Prudente a produção caiu devido a queda dos preços da safra no fim das águas; houve compensação em Marília, na região de Pompeia e Tupã, pelo aumento de plantações aí registrado.

Mamona: Estão frutificando as mamoneiras. Quase todas as culturas são associadas às de cereais, algodão e feijões. Desenvolve-se, paralelamente, a industrialização do produto nas proximidades de certas regiões de produção, que são Bariri e Monte Alto.

Canas: O mês foi extremamente favorável às plantações e reformas do canaviais e também para a vegetação das secas e das canas de ano e meio.

Há queixas de falta de braços na lavoura canavieira, ao mesmo tempo que se nota uma tendência para maior incremento da mecanização.

Contra a expansão da lavoura em extensão, mostra o Agrônomo Regional de Piracicaba as possibilidades de sua intensificação pois há grandes áreas na região canavieira a explorar e muito que fazer quanto ao aumento de produtividade quer seja por meio do combate à acidez do solo quer pelo aproveitamento de resíduos da própria indústria açucareira.

Trigo e Soja: Essas duas culturas em sistema de rotação apresentam possibilidades de se sucederem nos cultivos do Sul do Estado. O serviço de fomento, principalmente da patrulha motomecanizada do Ministério da Agricultura tem contribuído para melhorar as perspectivas para a próxima safra de trigo em Itapeva, Itararé e Capão Bonito.

Fumo e Menta: Procede-se a transplanta em Socorro, Itapira, Bragança, Catanduva e municípios produtores. Os canteiros foram bastante prejudicados.

Em Santo Anastácio e Presidente Prudente, já se procede ao segundo corte da menta, porém como tem sido pequena a

procura do produto, os agrônomos em seus relatórios traduzem pessimismo em relação aos resultados dessa produção, neste ano.

Batatinha:- Foram praticamente concluídas as colheitas das safras das águas em quase todas as regiões, tendo sido alcançado em algumas, ótima produção como é o caso de Pompeia. Referem-se os relatórios aos prejuízos a que estariam sujeitos os produtores situados próximos a Capital, tal como acontece em Piedade, onde o rendimento foi baixo não dando para cobrir as despesas de aquisição de adubos, sementes e inseticidas.

Alfafa e Adubos Verdes:- Teve início o primeiro corte de alfafa nas zonas de Chavantes e Santa Cruz do Rio Pardo. Foram verificadas, em numerosos pontos do Estado, operações de enterrio de mucuna e feijão de porco, para melhoria das terras esgotadas dos canaviais e cafezais.

Fruticultura e Olericultura:- Prosseguem as colheitas de frutas. Foram grandes as entradas de abacaxi. Está praticamente concluído o grosso da safra de uvas de Jundiá, passando a entrar no mercado as uvas finas de mesa, cujo paladar e aspectos se aproxima das estrangeiras. Foi excelente a safra das uvas moscatel de Hamburgo, Golden Queen e outras, num total apreciável de 10.000 caixas.

Aumentou a colheita de abacate. Teve início a colheita de goiaba para fins industriais.

Praticamente está sendo terminada a safra de figo e melancia. Espera-se boa safra de mamão. Terminou a colheita de maçãs e praticamente a de pécegos. Prepararam-se várzeas para o plantio de morangos.

Laranjas:- Não se espera grande safra de laranjas, pois a produção dos maiores centros não deverá ultrapassar 1.870.000 caixas.

Tomate e outros Produtos:- Terminada a sementeira do tomate nas maiorias das regiões, já tendo iniciado o transplante, em outras.

Foi iniciada a sementeira de pimentões e a de cebola em diversas regiões. Nota-se maior desenvolvimento das culturas de legumes para conservas, e de frutas para doces enlatados e cristalizados.

## ALGODÃO EM GOIÁS

A cultura algodoeira goiana começa a sair do estágio "caseiro" para entrar na fase da exploração comercial. Em verdade, até há pouco tempo, o cultivo do algodão era feito ali, com o objetivo de atender às necessidades imediatas da família. Plantava-se, por assim dizer, no quintal, as variedades nativas ou, de longo tempo conhecidas na região como o "verdão" o "rim de boi", o "crioulo" o "ganfa" etc. As roças eram incumbidas de fiar esse algodão.

Hoje, entretanto, o que se observa são as culturas extensas, e modernas máquinas de benefício. Neste ano, nota-se aí, um verdadeiro "rush" para o algodão, com um aumento da área plantada de cerca de 40% em relação ao plantio anterior. Grandes firmas algodoeiras como a Anderson Clayton e a Sanbra voltam suas vistas para essa região. Em setembro do ano passado começou a funcionar em Anápolis u'a máquina da primeira dessas firmas, estando em cogitações a construção de outra em Goiânia.

Características da cultura :- Uma rápida síntese da situação atual do algodão em Goiás pode ser assim descrita: É plantada uma série enorme de variedades como "Campinas" "Texas" (fornecida pelo Ministério da Agricultura) "crioulo", "ganga", "rim de boi" etc. Muitas vezes elas se acham misturadas no mesmo campo. Entre os lavradores mais atrazados existe a variedade "verdão", a qual afirmam ser a mais produtiva.

Quanto ao preço das sementes é ele bem mais barato do que os da sementes de plantio em São Paulo, embora não exista ali o seguro obrigatório contra o granizo. A firma Anderson Clayton vendeu sementes para esta safra a razão de Cr\$ 51,00 a saca. Entre as sementes vendidas havia mil sacos de "Campinas" provenientes de São Paulo e que foram vendidos também a esse preço. Essa firma procura atualmente estabelecer um Campo de Cooperação para a produção dessas sementes.

Já estão presentes tôdas as pragas comuns aos algodais paulistas, como o coruquerê, pulgão, percevejo rajado, lagarta rosada etc. O granizo parece ser fenomeno climaterico pouco frequente nessa região.

Rendimento por alqueire:- Sendo limitada a superfície plantada, o rendimento é ainda muito bom, podendo ser a média avaliada em cerca de 250 arrobas por alqueire goiano ( 48.400 m<sup>2</sup> ). Detalhe curioso é o prolongamento da colheita que se inicia em abril e vai até setembro.

Qualidade da fibra:- Segundo informações que obtivemos, a fibra dos algodões de São Paulo, ali colhidos, é boa, nada devendo às outras regiões que cultivam as mesmas variedades.

Estimativa da safra atual:- Como já dissemos, a área plantada este ano foi aproximadamente 40% superior à do ano anterior. Em virtude das deficiências de dados, torna-se muito difícil avaliar o volume da presente safra. Pelas informações que obtivemos, estimamos em 1.500.000 arrobas de algodão em caroço, o volume a ser colhido.

Dificuldades para a implantação da cultura :- O aspecto encorajador da expansão da cotonicultura goiana é entretanto empanado por uma série de deficiências de organização. Algumas dessas deficiências são decorrências naturais dessa fase incipiente, sendo portanto de fácil remoção. Outras são de natureza grave e estão a reclamar imediatas providências afim de se evitar o estabelecimento dessa cultura em bases defeituosas, que serão dificilmente sanáveis quando ela atingir um estágio de desenvolvimento mais elevado.

Dentre as deficiências que devem ser sanadas para a implantação da cotonicultura goiana em bases racionais, destacam-se:

- a) Falta de controle das sementes plantadas. As sementes que se vendem aos lavradores são as piores possíveis. Tivemos ocasião de examinar nos armazens de uma firma de Anápolis, uma sobra das sementes que foram vendidas este ano aos produtores; num mesmo saco encontravam-se sementes de quatro ou mais variedades de algodão.
- b) Ausência de um organismo encarregado da produção de sementes selecionadas. É evidente que enquanto não se possuir meios de fornecer boas sementes aos lavradores, qualquer medida de con

trôle das sementes plantadas, dificilmente será eficaz.

- c) Falta de uma legislação que obriga o arrancamento de soqueiras, e de um organismo que preste assistência técnica aos produtores.
- d) Inexistência de fiscalização junto às máquinas beneficiadoras. As amostras são retiradas pelas próprias firmas.

Além desses pontos, outros existem que merecem também especiais cuidados, como a questão do expurgo das sementes, para o qual não há obrigatoriedade; fornecimento de inseticidas modernos e em quantidade suficiente; armazenagem etc.

---

### O EMPREGO DA TRAÇÃO MECÂNICA NA AGRICULTURA DE SÃO PAULO

A motomecanização da agricultura em São Paulo vem tomando impulso contínuo nestes últimos anos. As provas mais evidentes desta asserção são os numeros de tratores agrícolas vendidos em nosso meio, os quais calcula-se que se elevaram de 250 em 1940 para mais de 3.000 em 1951.

O progresso verificado em nossa motomecanização neste último quinquênio, deve-se principalmente a mudança ocorrida nas relações entre os preços daqueles e os dos produtos agrícolas, ocorrência esta, aliás, já mostrada no numero 9 deste boletim, quando determinamos as causas do aumento do uso dos fertilizantes pelos agricultores paulistas. No caso do uso dos tratores, a mudança é ainda mais significativa, pois a relação dos preços mostra que em 1940 eram necessarias 3.040 arrobas para adquirir um trator, e que agora são necessarias apenas 694 arrobas (1) .

A intensificação do uso do trator também se deve a modificações ocorridas nas relações entre os preços dos agentes de produção, modificações estas que fizeram com que se tornasse vantajosa a substituição de um agente de produção, por outro. Quando os preços dos burros e de seus alimen

(1) Calculado na base dos preços de um trator John Deere de 36 HP na barra da tração, posto São Paulo.

tos sobem em relação aos das máquinas, pode tornar-se econômico substituir as práticas que mais utilizam aqueles agentes de produção.

É verdade que existem outros fatores determinando o maior uso de tratores em São Paulo, tais como a melhoria dos conhecimentos técnicos dos agricultores, fomento técnico oficial etc. No entanto, julgamos que os dois fatores acima expostos, isto é, a relação entre os preços das máquinas e o dos produtos agrícolas, e a relação entre os preços dos diferentes agentes de produção, são os mais importantes.

Custo do Serviço de Aração: O menor custo de aração mecânica é geralmente a primeira vantagem destacada pelos propugnadores da motomecanização. Isto, porém, nem sempre foi verdade em São Paulo. De um modo mais amplo, somente nestes últimos quatro ou cinco anos o custo da lavoura com trator tornou-se mais baixo que o feito com auxílio de muaras. Tal fato pode ser visto no quadro I.

#### QUADRO I

Custo de aração de um alqueire de terra (de 24.200m<sup>2</sup>)

Anos	Tração Animal	Metomecanização
	Cr\$	Cr\$
1940	96,30	132,50
1945	163,00	192,50
1951	358,00	272,30

Estas cifras são os produtos dos custos do dia de serviço de cada agente de produção, pelo número de dias de trabalho gastos na operação.

No caso da tração animal, nosso inquérito econômico, realizado em 205 propriedades do Estado, revelou que se gastavam em média, na aração das diversas lavouras, 7,15 dias. No caso da motomecanização, consideramos um trator John Deere de 36 H.P. (1) na barra de trator, que, puxando um arado de 4 bacias, arava em média 1,3 alqueires em dez horas.

(1) A única firma que nos forneceu preços a partir de 1940 foi a Lion S/A.

Com auxílio do valor da diária de camaradas e dos preços dos agentes de produção, por nós levantados e revelados abaixo, passaremos a mostrar como foi calculado o custo do dia de serviço de cada agente usado na aração.

	1940 Cr\$	1945 Cr\$	1951 Cr\$
Trator John Deere de 36 HP na barra de tração .....	45.000,00	50.000,00	78.500,00
Arado John Deere de 4 discos	9.100,00	10.200,00	16.000,00
Querozene (litro) .....	0,82	1,50	1,75
Oleo lubrificante (litro) ...	5,60	7,00	8,50
Graxa (quilo) .....	6,20	7,00	8,00
Arado de aiveca fixa nº 34 marca Cliper .....	220,00	450,00	630,00
Arado para dois burros.....	190,00	340,00	540,00
Camarada ( arador ) .....	7,00	10,00	30,00
Tratorista .....	9,00	15,00	50,00
Terra de pasto (Um alqueire).	300,00	1.000,00	7.350,00
Milho (saca de 60 Ks.) .....	18,50	57,90	73,40
Sal ( 1 quilo ) .....	0,30	0,60	1,30

Para se calcular o serviço do trator e seu arado , foram considerados os itens mostrados no quadro II, sendo que as depreciações foram calculadas na base de 10.000 e 5.000 horas, respectivamente.

#### QUADRO II

Custo de dia de Serviço do	Trator e Arado de Trator		
	1940 Cr\$	1945 Cr\$	1951 Cr\$
Depreciações (base de 10.000 horas para o trator e de 5.000 horas para o arado ).	63,40	74,00	110,50
Combustível.....	65,60	120,00	140,00
Óleo .....	16,80	21,00	25,50
Graxa .....	3,35	3,85	4,40
Manutenção .....	0,90	1,50	5,00
Juros 5% sobre 50% do valor	13,20	15,00	18,60
Tratorista .....	9,00	15,00	50,00
<b>Totais .....</b>	<b>172,00</b>	<b>250,35</b>	<b>354,00</b>

As importâncias acima referem-se a 10 horas de serviço. Elas foram obtidas multiplicando-se a quantidade gasta com cada agente, pelo seu respectivo, preço, excessão feita a

depreciação que consiste na divisão do preço pelo número de horas. Para se calcular o custo de aração por um alqueire, é suficiente dividir-se os totais por 1,3, que é o rendimento do trator.

Para determinar-se o custo do dia de serviço do burro foram tomadas as seguintes despesas anuais.

	1.940	1.945	1.951
Alimentação .....	Cr\$ 198,00	586,20	833,20
Sal .....	1,80	4,80	7,80
Medicamentos .....	0,30	0,60	1,00
limpeza de pasto (1/6 alq)	10,00	16,60	50,00
Juros sobre 1/6 alq.pasto	2,50	9,10	45,90
Conservação e depreciação de cercas e mangueiras...	7,50	7,50	7,50
Juros sobre 50% valor dos burros .....	37,50	50,00	75,00
Mão de obra .....	38,00	63,00	190,00
Depreciação (1) .....	<u>120,00</u>	<u>150,00</u>	<u>220,00</u>
Totais ...	415,60	886,80	1.430,40

Sabendo-se que cada burro trabalhava, em média, 139 dias por ano (Inquérito de 205 propriedades), obtemos o seu custo diário, dividindo-se aqueles totais por esse nº e assim teremos, respectivamente, Cr\$ 3,00, 6,40 e 10,30 para aqueles anos.

O custo diário do arado foi calculado de modo semelhante ao do burro. Assim, conhecendo-se dados do Quadro V, e sabendo-se que o número médio anual dos dias de trabalho realizado por essa máquina foi de 44,5 (inquérito econômico de 205 propriedades), chega-se aos seguintes custos diários: 1940-Cr\$ 2,50; 1945-Cr\$ 4,63 e 1951-Cr\$ 6,94.

QUADRO V

Anos	Despesas Anuais do Arado		
	1940	1945	1951
Depreciação (5 anos)..	Cr\$ 44,00	90,00	126,00
Conservação .....	62,00	105,00	167,00
Juros (5% sobre 50% do valor) .....	5,50	11,25	15,70
Cud .....	2,50	4,63	6,94

O custo diário de arreo foi determinado computando-se apenas a depreciação e juros sobre seu valor (Quadro VI). O arreo foi depreciado em 200 dias.

(1)- Depois de dez anos de serviço, o burro era vendido, respectivamente, por Cr\$ 300,00, 500,00 e 800,00, naqueles anos.

QUADRO VI

## Custo Diário de Serviço de Arreio para Dois Burros

Depreciação ( 200 dias )... Cr\$	0,95	1,70	2,70
Juros ( 5% sobre 50% valor)	<u>0,047</u>	<u>0,085</u>	<u>0,15</u>
Totais .	0,997	1,785	2,85

Uma vez descrita a forma usada para calcular os custos da aração de um alqueire pelos dois processos, pq demos voltar a análise dos seus resultados.

As cifras do quadro I mostraram que era mais vantajoso, em termos de cruzeiros, usar burro em vez de trator por volta de 1940; o contrario, porém, aconteceu em 1951. Se confrontamos os preços dos agentes de produção, vemos que os preços de arado, burro, pasto, milho e sal aumentaram em proporção maior do que os de trator, arado de trator, combustível e óleo, nestes últimos 12 anos, como pode ser visto pelos numeros indices apresentados a seguir

Ano	Arador	Arado	Arreio	Burro	Milho
1940	100	100	100	100	100
1945	143	204	182	133	313
1951	428	286	285	200	397

Ano	Pasto	Trator	Arado	Queroz.	Óleo
1940	100	100	100	100	100
1945	364	111	112	183	125
1951	1.836	174	176	213	152

Tal modificação nos preços dos agentes de produção, é uma das principais causa do maior uso do trator em São Paulo. É preciso ponderar, no entanto, que o simples confronto de custos de seus serviços na aração não é suficiente para se concluir sobre a economia de seu emprego numa propriedade agrícola. A introdução de um trator numa propriedade agrícola proporciona condições para grandes modificações de trabalhos, de práticas agrícolas e de culturas, e é necessário considerar o efeito global dessas modificações, para se concluir sobre a vantagem economica de seu emprego.

Importação do Exterior Pelo Porto de Santos, em 1952  
( toneladas )

PRODUTOS	janeiro	fevereiro	PRODUTOS	janeiro	fevereiro
Açúcos			Ext. tomate	-	-
Clor. potássio	403	46	Figo seco	-	-
Fosfato	-	-	Grão bico	5	-
Salitre, Chile	456	1.579	Leite e/po	153	115
Sulf. amônio	400	-	Lentilha	-	-
Sulf. potássio	-	505	Maça	-	903
Superfosfato	10.358	806	Malte	1.643	612
Hiperfosfato	-	-	Malte cevada	255	-
Adub. quim. n.e.	854	260	Melao fresco	-	43
Arame e Grampos			Noz em casca	1	2
Arame farpado	662	459	Peixe	-	-
Grampos p/cerca	5	25	Pera	1.903	3.929
Bebidas			Peru congelado	-	-
Aguardente	31	4	Pessego fresco	17	43
Champanha	-	-	Pimenta grão	1	10
Uisque	19	21	Queijo	-	-
Vinho mesa	981	747	Tamara	10	32
Outras bebidas	80	294	Uva fresca	-	238
Ferramentas			Uva passa	61	6
Enxadas	4	3	Óleos Gord. Vegetais		
Foice	14	17	Azeite oliva	270	442
Machados	41	38	Óleo pinho	9	-
Fibras e Fios			Madeiras		
Fibra canhamo	-	-	Madeira n.e.	-	-
Fibra linho	10	10	Maquinas		
Fios algodão	35	6	Tratores e pert.	887	2.121
Fios canhamo	5	14	Prod. Hervan. sement.		
Fios la	141	91	Alpiste	2	-
Fios linho	257	265	Jarina	-	-
Fios raion	81	125	Lupulo	113	25
Juta	-	2.477	Palha Guiné	620	-
La	364	210	Sement. flores	11	4
Generos Alimenticios			Sement. hortál.	1	2
Alho	41	29	Produtos quimicos		
Ameixa fresca	30	434	D.D.T. e/po	128	187
Ameixa seca	8	12	Fungicidas	-	91
Amendoa	16	-	Hexacl. benzeno	30	251
Anchova	9	17	Inseticidas	874	726
Azeitona	142	1.470	Óleos essenciais	0	0
Aveig	224	600	Trigo Far. Trigo		
Avela	-	-	Farinha trigo	-	3
Bacalhau	1.723	2.106	Trigo e/grão	28.404	37.715
Batata (e semts)	2	-			
Canela	2	1			
Castanha	-	-			
Cevada	1.211	2.235			
Condimentos	-	-			
Cravo	-	-			
Damasco	-	-			
Ervilha	69	161			

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados do "Diário do Comércio" da Associação Comercial de São Paulo.

PRODUTOS

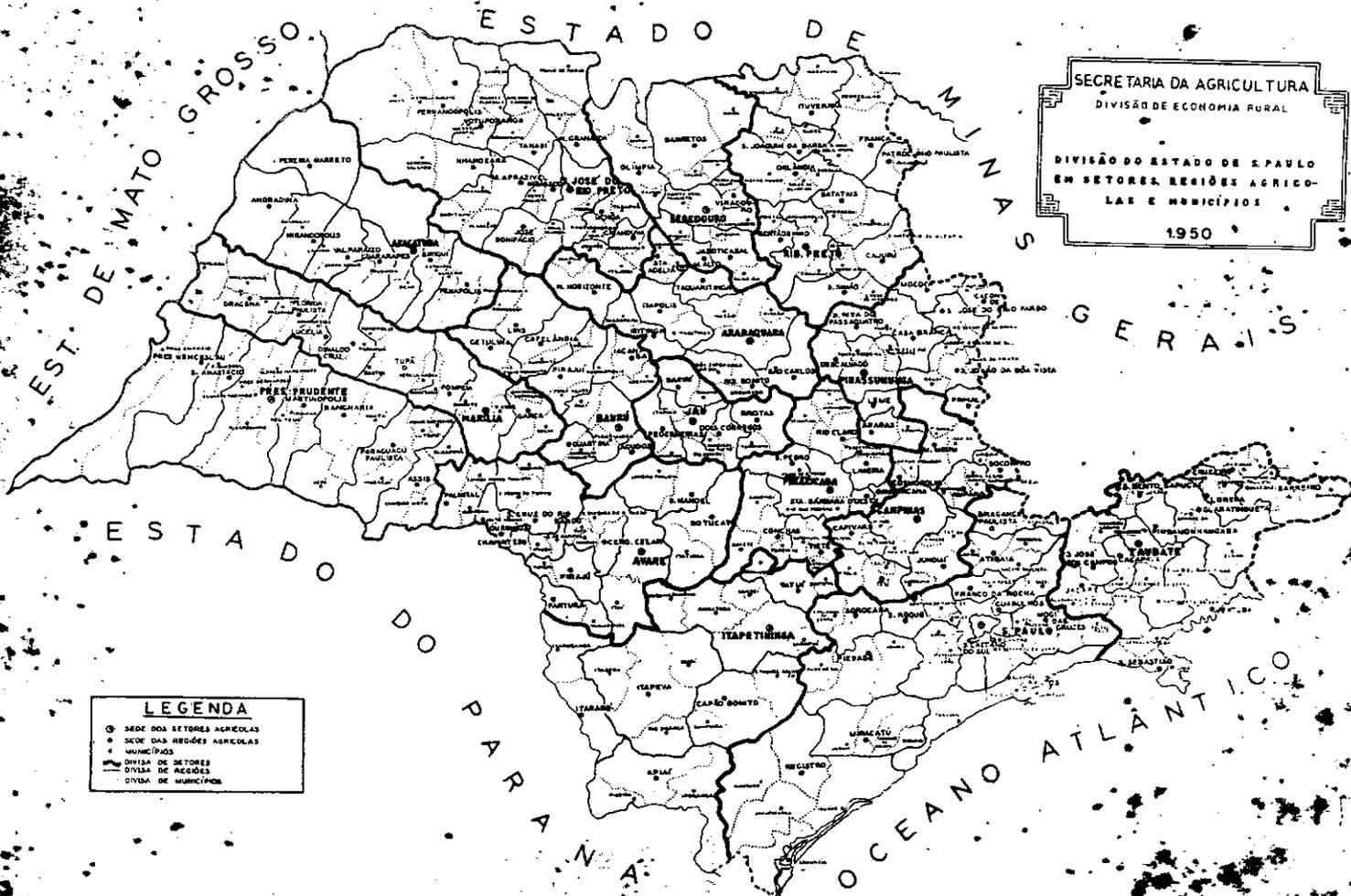
1- Café ( sacas de 60 Ks)		
2- Algodão em rama	2.904	
Algodão "linters"	557	
Resíduos de algodão	182	
Piolho de algodão	-	
3- Milho	20.540	807
Arroz	5.527	2.500
Fragmentos de arroz	1.802	1.975
Amendoim com casca	-	30
Amendoim descascado	600	5
Mamona	1.035	181
Chá	-	9
Fecula de mandioca	76	31
Óleo de limão	-	0,4
Herba mate	60	
Laranja (caixas)	-	
Banana (cachos)	-	
4- Banana Flakes	-	
Bambu	8	
Cafeína	9	
Cacau	-	
Carne em conserva	-	
Carne salgada	-	
Cola de ossos	-	
Cera de carnaúba	-	
Cera de abelhas	-	
Couros curtidos	-	
Couros de porco curtidos	-	
Couros- raspas	-	
Couros salgados e secos	890	
Crina animal	5	
Farinha de chifres (e ossos)	-	
Farinha de sangue	-	
Farelo de amendoim	-	
Farelo de babacu	-	
Farelo de gergelim	-	
Fios de algodão	514	
Fumo em folhas	-	
Glandulas congeladas	20	
Madeiras	3	
Manteiga de cacau	0	
Mentol	0	
Óleo de amendoim	-	
Óleo de eucalipto	-	
Óleo de hortela	7	
Óleo de mamona	990	
Óleo de sassafras	1	
Óleo de tungue	160	
Ossos	1	
Peles silvestres	9	
Resíduos de fiação	-	
Resíduos de raion	-	
Sangue seco	151	
Tecidos de algodão	6	
Torta de amendoim	241	

Fontes: - (1) Superintendencia do Serviço do Café  
 (2) L. Figueiredo S.A.  
 (3) Divisão de Economia Rural  
 (4) Associação Comercial de Santos

Importação de Cabotagem Pelo Porto de Santos, em 1952  
( toneladas )

PRODUTOS	janeiro	fevereiro	PRODUTOS	janeiro	fevereiro
Adubos			Batata	-	-
Adubos	216	364	Çacau	66	203
Bebidas			Café	-	-
Aguardente	219	86	Carne	-	159
Vinho mesa	1.801	665	Carne porco	-	10
Outr. bebid.	29	1	Castanha	21	-
Cereais			Cebola	938	2.849
Arroz	1.285	1.762	Çoco	197	337
Aveia	-	1	Coco ralado	56	76
Cevada	17	79	Condimentos	45	29
Milho	-	-	Conservas	324	1.014
Prod. Animais			Doces	20	35
Cera abelhas	6	5	Ext. tomate	85	214
Crina	34	28	Farinhas alim.	3	-
Peles	25	38	Far. mandioca	58	123
Diversos			Fec. mandioca	13	-
Fumo folhas	662	334	Feijão	68	226
Fibras e Fios			Leite coco	17	65
Agave	180	314	Lentilha	5	27
Algodão	2.935	2.754	Peixe	13	36
Caroa	557	434	Pimenta	1	-
Coco	-	3	Sal	10.245	20.330
Jyta	241	-	Tapioca	-	3
La	71	206	Madeirasas		
Malva	25	364	Canela	85	46
Paina	11	4	Cedro	173	34
Piaçaba	63	35	Embuis	43	148
Sisal	85	137	Freijo	150	35
Uacima	32	30	Peroba	44	4
Fios algodão	2	-	Pinho	2.248	4.212
Fios de coco	-	-	Sucupira	50	-
Óleos Gord. Veget.			Madeira n.e.	624	265
Cera carnauba	12	19	Produtos de Her		
Cera ouricuri	1	-	vanaria sementes		
Manteiga cacau	87	67	Alpiste	112	115
Óleo babaçu	191	403	Babaçu	987	2.376
Óleo car. alg.	41	613	Guarana	20	-
Óleo coco	2	2	Gergelin	51	3
Óleo linhaça	259	263	Ouricuri	-	-
Óleo oiticica	-	-	Sem. ucuuba	-	267
Óleo sassafraz	-	-	Residuos Tortas		
Óleo tungue	11	-	Res. algodao	83	368
Óleo ucuuba	-	-	Torta cacau	31	43
Sebo ucuuba	11	27	Tortas n.e.	-	-
Generos Alimenticios			Trigo Far. Trigo		
Açucar	18.100	12.073	Far. trigo	10	200
Açucar	-	-	Far. e/graço	1.178	2.453
Banha	432	371			

Quadro elaborado pela Subdivisão de Economia Rural, com dados do "Diário do Comercio" da Associação Comercial de São Paulo.



SECRETARIA DA AGRICULTURA  
 DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

DIVISÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
 EM SETORES, REGIÕES AGRÍCOLAS E MUNICÍPIOS

1950

**LEGENDA**

- SEDE DOS SETORES AGRÍCOLAS
- SEDE DAS REGIÕES AGRÍCOLAS
- MUNICÍPIOS
- DIVISÃO DE SETORES
- - - DIVISÃO DE REGIÕES
- · · DIVISÃO DE MUNICÍPIOS